

## **MITO COMO ACONTECIMENTO DE MUNDO: A POÉTICA DE MURILO MENDES**

### ***MYTH AS THE HAPPENING OF WORLD: THE POETICS OF MURILO MENDES***

André Lira

**DOI:** [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1\\_a02](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a02)

**Resumo:** Uma das potências da poética de Murilo Mendes é sua articulação com mito. Mito corresponde a um modo próprio de compreensão e constituição de realidade que atravessa as sociedades: a leitura criativa do mundo, em jogo com o ser humano, este apenas mais um de seus elementos. A poética muriliana propõe, justamente, compreender a palavra como partícipe e atuante na criação, conforme o acontecimento da linguagem como mito, e não mero vetor de comunicação ou signo vazio. Além de indicações da própria obra poética, articularemos provocações de pensadores como Octavio Paz, Manuel Antonio de Castro, Emmanuel Carneiro Leão e Mircea Eliade.

**Palavras-chave:** Murilo Mendes; Poética; Mito; Hermenêutica.

**Abstract:** One of the strengths of Murilo Mendes' poetics is its articulation with myth. Myth corresponds to a unique way of understanding and constituting reality that pervades societies: the creative reading of the world, in play with human beings, who are just one of its elements. Murilian poetics proposes, precisely, to understand the word as a participant and actor in creation, according to the event of language as myth, and not merely a vector of communication or empty sign. In addition to cues from the poetic work itself, we will discuss provocations from thinkers such as Octavio Paz, Manuel Antonio de Castro, Emmanuel Carneiro Leão and Mircea Eliade.

**Keywords:** Murilo Mendes; Poetics; Myth; Hermeneutics.

Certa vez, a poeta brasileira Hilda Hilst indagou-se: “se eu falasse com a voz do mundo, como falaria? Se eu falasse com a voz dos ancestrais (que representa o sangue e o sêmen dentro de mim) haveria a refulgência de uma nova voz?”<sup>1</sup>. Será possível falar com tal voz? Tanto a obra de Hilst quanto a de Murilo Mendes, esta que enfocaremos aqui, respondem em canto que sim. O que se põe em dinâmica numa obra poética?

As vozes do mundo e dos ancestrais são, a nosso ver, a resposta a essa pergunta, isto é, a própria obra poética, sem que com isso estejamos encaminhando uma compreensão formal ou mesmo performática da obra poética. Isso porque o que se dinamiza numa obra poética, na experiência da leitura, é o seu dizer – dizer mundo, dizer aquilo que é. Tensão – eis uma presença!

Toda obra poética, de tal ou qual modo, produz arremesso de linguagem. Arremesso estranho, porque a partir do nada. Este nada é tudo, entendido como tensão mítica da linguagem: “toda a cultura, toda a criação, se articula para dentro de uma maneira nova de sentir o primado da linguagem”<sup>2</sup>. Mesmo o mais malogrado poeta está posto inteiramente diante da linguagem e de seus mistérios; cada obra poética será uma resposta a essa colocação: “O mundo do homem é o mundo do sentido”<sup>3</sup>. Não podemos abrir mão, subjetivamente, do mundo, tampouco do sentido: “O mito, em seu vigor imperante, está presente, como não podia deixar de ser, em todos os momentos e acontecimentos do homem, Poesia que é”<sup>4</sup>.

Recebendo um lançamento, como no acontecimento de mundo chamado futebol, somos conclamados a corresponder a ele. A experiência de uma obra poética de vigor não se faz apenas estética ou conceitual, embora definitivamente perpasse tais dimensões, porque também são linguagem lançada para – isto é, palavra. Para que lança a palavra? Para seu mundo – seu sentido. Mundo, sentido, con-figuração do ser.

Um mundo desconfigurado, o mundo mudo, o mundo-que-não-diz, é o mundo sem sentido, mundo irreal e impossível.

A configuração do mundo, a vida envolta de descobertas, é o chamado da linguagem a cada ser humano para que venha a ser o que é.

---

<sup>1</sup> Hilst, 1975, 3 ago.

<sup>2</sup> Leão, 1995, p. 17.

<sup>3</sup> Paz, 1982, p. 23.

<sup>4</sup> Castro, 1982, p. 39.

Em qualquer época histórica, eis o mesmo desafio para todos. Não por acaso a historiografia, enquanto método, é tão popular – compor sentido a partir do aprendizado do inegável mundo da tradição. A disciplina da História, hoje, se entende não tanto uma explicadora de mundo, mas uma *narradora* ou *relatora* de mundo, buscando aproximar-se do ofício do poeta ou, ao menos, do narrador literário, uma vez que se reconheceu o papel fundante da linguagem, como procurou mostrar Hayden White:

O historiador realiza um ato essencialmente *poético* (...) Através da exposição do solo linguístico em que se constituiu uma determinada ideia da história tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento prefigurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados<sup>5</sup>.

A História, pois, busca se alimentar do vigor do *mýthos* que é capaz de configurar mundo como e na linguagem. Nossa discussão será voltada à obra poética, que canta o mundo que é e en-canta os mundos que vem a iluminar.

Os mundos que iluminamos como história cultural e os que cada humano, em sua história, ilumina são incendiados, senão como realização, ao menos como possibilidade, pela luz sombria da obra poética. Em diferença ao recolher e tecer relatos que faria um especialista científico, o poema arremessa-se como um dizer próprio, tendo nesse gesto seu próprio sentido, mesmo quando se debruça sobre os mesmos referentes de um relato historiográfico ou teológico: “Ó Madalena, tu que dominaste a força da carne / Estás mais perto de nós do que a Virgem Maria / Isenta, desde a eternidade, da culpa original”<sup>6</sup>. A obra poética diz(-se) um “sim!”. A obra poética diz(-se) um “sim!”, uma afirmação (do mundo que é), mesmo quando é beligerantemente negativa. Daí não caber dúvida de que, na configuração poética, Madalena está mais próxima do que a Virgem Maria, como mostram versos como “A presença real do demônio / É meu pão de vida cotidiano”<sup>7</sup>, “o demônio tem mais poder que Deus”<sup>8</sup>, “Rio, murmura como no primeiro dia da criação, / (...) / Tocam-se o fim e o princípio: / FIAT LUX outra vez.”<sup>9</sup>. Tais versos elaboram a tradição cristã, porém a reinterpretando e manifestando de maneira singular: o que só se

<sup>5</sup> White, 2008, p. 12-13, grifo no original.

<sup>6</sup> Mendes, 1994, p. 287.

<sup>7</sup> MENDES, 1994, p. 286.

<sup>8</sup> Mendes, 1994, p. 286.

<sup>9</sup> Mendes, 1994, p. 328.

torna um problema dentro do cânone religioso ou se lhes busquem adequação aos rótulos mais frequentes da obra muriliana, como “católica” ou “surrealista”<sup>10</sup>.

O que perfaz o encanto da obra poética é a propriedade mítica de seu dizer, irrepetível e insinonimizável, porque insignificável. Mito: luz sombria, um sapo anuncia-se em silêncio na sala, a verdade desse anúncio você ouve e é a sala, é toda a sala, a sala-sapo, sala revelada sapo. Ouvindo o sapo na sala um homem recolhe suas memórias. Ora, o que se trata aqui como mito?

Nós dizemos mítico e entendemos mítico como uma coisa inventada, irreal, ficcional, mas não é assim. Figura mítica significa a atitude inaugural que definiu um perfil, uma fisionomia de identidade de uma comunidade, dotada de capacidade de acolher as peripécias de mudança de transformação por onde historicamente vai caminhar e vai passar aquela comunidade<sup>11</sup>.

Os mitos, portanto, de-limitam poeticamente as possibilidades históricas de um povo. Uma das potências da obra de Murilo Mendes é a de, em seu dizer, atuar em atenção a essa dimensão mítica e fundadora da obra poética, aproveitando algumas lições técnicas e temáticas do modernismo, porém sem adotar, de modo decisivo, nenhuma das correntes da época. Aliás, não parece ser produtivo periodizar as obras dos autores a partir do modernismo, já que se irmanam Murilo Mendes, Manoel de Barros e João Cabral de Melo Neto, por exemplo, em uma mesma intuição da liberdade instauradora da palavra, cada obra a seu modo.

Os galos tecedores de manhãs, de Cabral<sup>12</sup>, coabitam com os cavalos que bebem na mão da tempestade, de Murilo<sup>13</sup>, que coabitam com o ovo de lobisomem sem gema de Manoel de Barros<sup>14</sup>... Mundos-com-mundos, mundos-em-mundos, bonecas russas da diferença. Ainda que cada obra seja extensa e rica em possibilidades de (se) dizer, seu princípio é sempre verbal, ou seja, o movimento de mundo que dispõe em palavra – é poético, portanto: luz-ação.

Falar em mito na poética de um autor moderno parece uma contradição. Essa contradição se sustenta em alguns pré-conceitos que permanecem arraigados na

---

<sup>10</sup> Merquior, 2013.

<sup>11</sup> Leão, 1995, p. 18-9.

<sup>12</sup> Melo Neto, 1968, p. 19.

<sup>13</sup> Mendes, 1994, p. 413

<sup>14</sup> Barros, 2013, p. 44.

compreensão moderna, principalmente o que entende mito como o sistema explicativo pré-lógico dos povos de culturas antigas, que foi superado pela filosofia grega e aprimorado pela ciência moderna. No dito popular, chamar algo de mito significa dizer: “É uma crendice!”. Ora, o verbo grego *mýo*, que origina *mýthos* e muitos outros termos correlatos, como *Moûsa* (Musa) e *mousiké* (música), diz sussurrar, deixar-escapar-da-verdade por lábios entreabertos, o dizer originário das Musas, da linguagem<sup>15</sup>. Todas as culturas fizeram essa experiência, pois nada mais é do que o desafio primordial de o ser humano, sabendo-se existir, desencavar sentido no todo da linguagem, correspondendo perpetuamente aos seus mistérios.

Essa experiência não deixou de ser feita, no âmbito da cultura ocidental. Sem dúvida, reorganizou-se por critérios de verdade e métodos científicos, o que, a nosso ver, constituem um filtro bastante redutor para os horizontes do mundo. Ainda assim, as questões e os entraves do jogo de ser e não-ser são irresolutos; permanece “o desconforto da cabeça mal voltada / E com o desconforto da alma mal-entendendo”<sup>16</sup>. Se escancaramos a boca do mito para lhe endoscopiar a verdade do mundo, o mais tecnológico dos aparelhos não pode acabar com a escuridão necessária para percebermos as cores do mundo na luz.

Se a explicação não substitui a coisa, é porque esta, assentada no mito, depende da persistente instalação do mundo. Assim, é um equívoco compreender que o mito fala *sobre* o mundo. Sem o contar do mito não há mundo; porque não se configura mundo, logo não há mito:

O mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do Mundo está aí para prová-lo (...) Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje (...) O homem, *tal qual é* hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*. (...) O homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também a *reatualizá-la* periodicamente<sup>17</sup>.

Rememora-se pelo contar-cantar, que reinstala presença-palavra. São eventos míticos porque constituidores de sagrado, ou seja, de sentido da experiência humana. Se

<sup>15</sup> Liddel; Scott, 1996, p. 1148; p. 1150-1151; p. 1157.

<sup>16</sup> Pessoa, 1971, p. 260.

<sup>17</sup> Eliade, 2006, p. 12; 16-17, grifos no original.

não possuímos mais o cantor-xamã, possuímos poetas e suas obras. Ainda assim, mantemos a mesma necessidade: a de des-cobrir mundo, tecer mitos. Se adotamos, como cultura globalizada, um mundo bastante esquadrinhado, não é necessário ir muito longe para concluir o quanto exaurimos esse mundo – a contemporaneidade está sedenta de fundação. Não significa, porém, que não possamos ter experiências fundadoras; pelo contrário, diz o poeta e crítico Octavio Paz:

Os upanixades ensinam que essa reconciliação é “ananda” ou deleite com o Uno. Em verdade, poucos são capazes de alcançar tal estado. Porém, todos nós, alguma vez, nem que tenha sido por uma fração de segundo, vislumbramos algo semelhante. Não é necessário ser um místico para roçar essa certeza. Todos já fomos crianças. Todos já amamos. O amor é um estado de reunião e participação aberto aos homens [...], numa plenitude na qual tudo alcança um equilíbrio sem apoio, sustentado em si mesmo<sup>18</sup>.

Essa passagem de Paz é especialmente relevante, aqui, pois aponta para a permanência do mito e a possibilidade de sua experienciação concreta. Ainda que se refira, nesse trecho, ao acontecimento de união instauradora de eternidade entre leitor e obra de arte, o acontecimento que Paz delineia é o mesmo da instalação do mito ou da instauração do mundo. Infância, amor, obras de arte: instâncias de convite, de apaixonamentos. A experiência a que convida a obra de arte se irmana às experiências fundadoras da existência humana. Aos encraterados pelo meteoro de uma ou mais obras poéticas, esse mistério é conhecido e não se resolve, apenas se celebra.

Na dimensão do mito, um homem só pode existir se em conexão com a história do mundo: “Formamos juntos um vasto Corpo / Estendido na história através das gerações.”<sup>19</sup>. Essa história, porém, não é linear, mas concentra em um único ponto – a eternidade – seus planos e caminhos: “Tenso espírito do mundo, / Vai destruir e construir / Até retornar ao princípio. / Eis-me sentado à beira do tempo / Olhando o meu esqueleto / Que me olha recém-nascido.”<sup>20</sup>. A vida, porém, não é uniforme, ela se equilibra entre momentos e densidades distintas. Eis que desponta o acontecer de uma mulher, corpo-vida, na visão da pirâmide-eternidade:

---

<sup>18</sup> Paz, 1982, p. 29.

<sup>19</sup> Mendes, 1994, p. 330.

<sup>20</sup> Mendes, 1994, p. 352.

### **Mulher vista do alto de uma pirâmide**

Eu vejo em ti as épocas que já viveste  
E as épocas que ainda tens para viver.  
Minha ternura é feita de todas as ternuras  
Que descem sobre nós desde o começo de Adão.  
Estás engrenada nas formas  
Que se engrenam em outras desde a corrente dos séculos.  
E outras formas estão ansiosas por despontarem em ti.  
Quando eu te contemplo  
Vejo tatuada no teu corpo  
A história de todas as gerações.  
Encerras em ti seus ascendentes até o primeiro par,  
Encerras teu filho, tua neta e a neta de tua neta.  
Mulher, tu és a convergência de dois mundos.  
Quando te olho a extensão do tempo se desdobra ante mim.<sup>21</sup>

A mulher vista do alto da pirâmide assume a piramidalidade, a imensidão de um ponto: o eterno, que é o ponto para onde aponta seu ponto, o “do alto” da pirâmide. Nesse ponto, podem conviver pacificamente os filhos, os netos e os bisnetos com todas as contradições possíveis e sem lugar para o discurso representacional: “Mulher / Ora opaca ora translúcida / Submarina ou vegetal / Assumes todas as formas / Desposas o movimento. // Sinal de contradição / Posto um dia neste mundo (...)”<sup>22</sup>. A mulher configura-se como instância primordial – e necessariamente contraditória – do mundo. Esse mundo mítico, o mundo piramidal, mundo cujo tempo os gregos chamavam êonico (do *aïon*), é total, mas não igual; é completo, mas não é morto:

Todas as coisas pensam em mim por mim contra mim  
Meus olhos convergem para todas as coisas  
Que de todos os lados convergem para mim.  
Personagem de enigma  
Assisto às idades desfilarem  
Bebo a vida e a morte ao mesmo tempo<sup>23</sup>

Ainda que se possa distinguir algo de outro, tudo habita tudo e é perpassado por tudo. Isso não incorre num mundo estático, muito pelo contrário: é o mundo catapultando possibilidades, bebendo a vida e a morte: “Oscila o infinito nas bases (...) / Deus com

---

<sup>21</sup> Mendes, 1994, p. 209.

<sup>22</sup> Mendes, 1994, p. 350.

<sup>23</sup> Mendes, 1994, p. 265.

fome / Mata um homem e come”<sup>24</sup>. Na dimensão do mito, pode o homem, o mesmo homem, porque são todos, atentar contra o pesadelo (os tanques) e restaurar o sonho no canto poético, a Ode: “(...) / Homens obscuros edificam / Em ligação com os elementos / O monumento do sonho / E refazem pela Ode / O que os tanks desfizeram.”<sup>25</sup>. Estes últimos versos constituem o poema “O nascimento do mito”, e revelam, justamente, como o mito não é um mero fenômeno antropológico ou psicológico, mas nasce como a própria condição e ação do fazer poético, enquanto articulação de linguagem, sonho. É nessa tarefa de cuidar do monumento do sonho que se empenha a obra muriliana, a qual se constrói como dizer instaurador de mundo, porquanto mítico.

---

<sup>24</sup> Mendes, 1994, p. 281.

<sup>25</sup> Mendes, 1994, p. 355.

## Referências Bibliográficas

BARROS, M. de. **Livro de pré-coisas**. São Paulo: LeYa, 2013. Biblioteca Manoel de Barros. 18 vol.

CASTRO, M. A. de. **O acontecer poético - a história literária**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HILST, H. **O sofrido caminho da criação artística, segundo Hilda Hilst**. O Estado de São Paulo. São Paulo: 3 ago. 1975. Entrevista concedida a Delmiro Gonçalves.

LEÃO, E. C. Hermenêutica e mito. **Cadernos de Letras**. UFRJ, n. 11, 1995.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MELO NETO, J. C. de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

MENDES, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERQUIOR, J. G. Murilo Mendes ou a poética do visionário. In: **Razão do poema: ensaios de crítica e de estética**. 3ª ed. São Paulo: É Realizações, 2013.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, F. **Seleção poética**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

WHITE, H. **Meta-história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

**André Lira** é carioca, tem 36 anos, atua como professor de Literatura e Língua Portuguesa do IFTO *campus* Palmas desde 2014. É Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ) (2019), com tese intitulada *O poético como princípio da técnica*. É Mestre em Poética pela Letras/UFRJ (2012), com dissertação intitulada *Poética e morte na era do ciborgue*. Graduou-se em Letras/Português-Literaturas pela UFRJ em 2008, e a Licenciatura em 2013. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Poética, Hermenêutica, Fenomenologia, Teoria Literária, Filosofia da Tecnologia. Lidera o grupo de pesquisa “Estudos Interdisciplinares de Poética e Literatura”, no IFTO, e integra o grupo de pesquisa “Poética, Mousiké e Criação”, coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Jardim (UFRJ).

*Recebido em agosto de 2023*

*Aprovado em dezembro de 2023*